

## A MORTE DA EMPATIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA RESENHA DA OBRA “CHAPADOS DE CLOROQUINA” (2021), DE ALEXANDRE GOSSN

THE DEATH OF EMPATHY IN TIMES OF PANDEMIC: A REVIEW OF ALEXANDRE  
GOSSN'S “CHAPADOS DE CLOROQUINA” (2021)

GOSSN, Alexandre dos Santos. Chapados de Cloroquina: a Morte da Empatia. Rio De Janeiro: Autografia, 2021.

ANA PANZANI

*Doutoranda em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra (UC). Mestre em Educação e Bacharel em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).*

### RESUMO

O autor Alexandre Gossn, em sua obra "Chapados de Cloroquina: a morte da empatia", explora o contexto da pandemia de Covid-19, particularmente no Brasil, examinando como a crise afetou a empatia e a cooperação na sociedade. Ele contextualiza a situação política brasileira, destacando o impacto do governo de extrema direita na resposta à pandemia e enfatiza a ampliação das desigualdades sociais, polarizações políticas e a disseminação de desinformação. Gossn questiona como a empatia se dissipou em meio à pandemia e como as atitudes individuais que colocam em risco a comunidade se tornaram mais comuns. Ele observa a proliferação de *fake news* e seu impacto na sociedade, bem como a vulnerabilidade das redes de comunicação. No final, o autor busca inspirar a ação e a esperança, enfatizando a importância da empatia e da cooperação para construir um futuro mais igualitário e empático. Ele argumenta que a empatia surge da capacidade de sentir a dor dos outros e da solidariedade, e que a sociedade precisa aprender a se relacionar com a diversidade e os valores coletivos para sobreviver e prosperar.

**Palavras-chave:** Cidadania; Covid-19; Democracia; Empatia; Políticas Públicas.

### ABSTRACT

The author Alexandre Gossn, in his work "Chapados de cloroquina: a morte da empatia", explores the context of the Covid-19 pandemic, particularly in Brazil, examining how the crisis has affected empathy and cooperation in society. He contextualizes the Brazilian political situation, highlighting the impact of the far-right government's response to the pandemic, and emphasizes the widening of social inequalities, political polarization, and the spread of misinformation. Gossn questions how empathy has dissipated in the midst of the pandemic and how individual actions that put the community at risk have become more common. He observes the proliferation of *fake news* and its impact on society, as well as the vulnerability of communication networks. In the end, the author seeks to inspire action and hope, emphasizing the importance of empathy and cooperation in overcoming the challenges of contemporary society and promoting a more egalitarian and empathetic future. He argues that empathy arises from the ability to feel the pain of others and from solidarity, and that society needs to learn to relate to diversity and collective values to survive and thrive.

**Keywords:** Citizenship; Covid-19; Democracy; Empathy; Public Policies.

### SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 SOBRE A OBRA; CONSIDERAÇÕES FINAIS;  
REFERÊNCIAS.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Aqui no perímetro não há estrelas; aqui a gente está chapado... Imaculado”<sup>1</sup>. É com este trecho da música *Stoned Immaculate*, de Jim Morrison, que Alexandre Gossn dá início à obra “Chapados de Cloroquina: a morte da empatia”. Por mais que o título de sua obra e a trilha sonora proposta pelo autor nos remetam a um cenário apocalíptico, não há indícios de que ele mesmo tenha perdido sua empatia.

Gossn é advogado, filósofo político, ensaísta, autor de não-ficção e doutorando em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra. Para além desses papéis e *labels* a que somos submetidos, pelos quais somos avaliados e identificados, trata-se de um sujeito social, um cidadão da contemporaneidade.

Após escrever três obras e refletir sobre aquilo que chamou de “fascismo pandêmico”, abordando temas como filosofia, história dos Estados autoritários, nazismo e fascismo das tecnocracias atuais, o autor publicou sua quarta obra em 2021, tendo como tema central a pandemia da Covid-19, que avassalou o ano de 2020. O ensaio foi intitulado como “Chapados de Cloroquina: a morte da empatia” e, conforme o próprio autor reitera, traz as reflexões de um brasileiro durante sua primeira pandemia. É assim que Gossn nos brinda com uma narrativa coesa, objetiva e que conversa com o leitor.

Permeada por reflexões pessoais e fundamentada em dados e teorias consolidadas, a obra traça um cenário de caos e realiza um debate sobre aspectos da democracia no decorrer de um dos fenômenos de maior incerteza travados no século XXI: a pandemia da Covid-19. Um contexto de ampliação das desigualdades sociais, envolto em ascensão da extrema direita e de governos autoritários e populistas. Um contexto que, ao lermos a obra, poderíamos inferir que é uma distopia. Mas é a realidade nua, crua e com fome de um país que enfrenta uma crise sanitária, social, econômica e climática.

Logo na Introdução, o autor nos brinda com uma citação de Gilberto Dimenstein, educador brasileiro, que diz: “O Brasil é uma nação de espertos que, reunidos, formam uma

<sup>1</sup> GOSSN, Alexandre dos Santos. **Chapados de cloroquina: a morte da empatia**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

multidão de idiotas”<sup>2</sup>. É a partir deste começo de conversa que temos a possibilidade de entender o contexto de análise de Gossn, que traz o presente e tudo aquilo que sente ao vivenciar esta época pandêmica, estando descalço, sentindo e exposto a esta realidade e às condições incertas do caminho que está sendo trilhado.

Apresenta o contexto de pandemia global e se aprofunda no cenário brasileiro, ressaltando a relação do governo de extrema direita no poder no Brasil no decorrer da pandemia de Covid-19 como um dos fatores para o enfraquecimento da democracia e para a morte da empatia. À altura dos escritos, destaca que mais de 400 mil brasileiros já haviam morrido em consequência da Covid-19 e que, após uma primeira onda, uma segunda onda, também devastadora, alastrou-se por um país onde as pessoas não se veem no outro, não se importam com o outro. Crise sanitária, econômica e social e um colapso de empatia, fundamentado pelo suporte da extrema direita, causando arrepios em nossa constituição.

É com base neste contexto de indignação e morte que “Chapados de Cloroquina: a morte da empatia” é construído. Composto de oito capítulos, além da introdução e da conclusão, Gossn nos conduz a um passeio pela tragédia anunciada e plantada pelas sociedades contemporâneas e potencializada por uma pandemia inesperada em época de incertezas.

## 1 SOBRE A OBRA

Daí o cerne da obra. A morte da empatia: como em um estado de exceção, permeado de crises, a empatia, que é tão necessária para a sobrevivência coletiva da nossa espécie, se esvaiu? O autor conversa, assim, com uma série de outras obras e conceitos, o que nos dá o sentimento de estarmos em uma grande ágora sobre nosso passado recente, os passos de nossa trajetória para chegarmos até aqui e o contexto atual. Sempre aberto ao diálogo, reitera que se trata da visão de quem está vivenciando a história, o que, por si só, restringe a análise ao ponto de vista do sujeito vivente, sem que haja possibilidade de se distanciar do fenômeno para, então, analisá-lo.

---

<sup>2</sup> DIMENSTEIN, *apud* GOSSN, Alexandre dos Santos. **Chapados de cloroquina: a morte da empatia**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 1.

Ao ler Gossn, é possível, por exemplo, conversar com Yuval Harari<sup>3</sup>, que ressalta a fragilidade do ser humano enquanto animal e, portanto, a necessidade de sermos seres sociais para a nossa própria sobrevivência: é a partir da nossa cooperação social que temos meios de sobreviver. É daí que temos o surgimento das tecnologias, sejam as mais primárias, as perenes, sejam as mais contemporâneas, como as digitais. É daí também que temos o surgimento da linguagem – verbal, não verbal e todas as suas camadas: é a partir da comunicação que trocamos, somamos, debatemos, discordamos, consensuamos. Em tese, sempre em prol da sobrevivência da espécie e em prol da sobrevivência de uma determinada sociedade<sup>4</sup>.

Neste sentido, ao observarmos a sociedade de mercado ocidental contemporânea, podemos fazer um paralelo da obra de Gossn com o conceito de justiça social de Rawls<sup>5</sup>, o qual entende que o contrato social deve ser pactuado sob o véu da ignorância, é este véu que poderia promover a equidade da justiça social: um contrato hipotético justo, que visa a igualdade e a liberdade, a partir do qual todos os sujeitos pactuam seus direitos e deveres e as premissas para a operação daquela sociedade, sem a ciência de seu ponto de partida e de suas circunstâncias sociais. Assim, os sujeitos não conseguiriam promover pactos para favorecimento particular, sendo os princípios do contrato resultado de consenso justo e equitativo. Talvez, uma empatia forçada pelas circunstâncias da não ciência do ponto de partida, mas que visa a promoção da justiça social equitativa a toda aquela sociedade.

Mas, e ao rompermos com este contrato, ou quando não nos identificamos com o outro a ponto de ele não ser tão humano quanto sou? A pandemia potencializou discursos de ódio, discriminações e polarizações que, por vezes, conforme traz o autor, romperam com qualquer resquício de senso de *comum unidade*.

Como contraponto ao véu da equidade, Gossn apresenta todo o contexto de proliferação de inverdades, denominadas *fake news*. Lembro de uma aula magna na

<sup>3</sup> HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: A brief history of humankind**. Random House, 2014

<sup>4</sup> O conceito de sociedade pode restringir ou abranger vários sujeitos, tempos históricos de modos de organização social. Para o presente artigo, será considerada a sociedade de mercado contemporânea, fortemente considerada no mundo ocidental e globalizado. Não visa, de modo algum, excluir povos originários, todas as sociedades e diferentes modos de organização social que habitam o planeta Terra, mas tem a sociedade de mercado ocidental como objeto de análise.

<sup>5</sup> RAWLS, J. **Justiça como Equidade: uma reformulação**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 113-114.

Universidade de Coimbra, já em 2022, por meio da qual somos companheiros de jornada, em que o professor João Miranda<sup>6</sup> nos indagou: seriam mesmo *news*? Para denominarmos algo como notícia, mesmo que haja um viés editorial, um ponto de vista específico, ainda assim pressupõe-se que é a verdade. Não pode haver notícia falsa, já que é da natureza da notícia ser um relato da verdade. Neste sentido, as *fake news* não seriam notícia: sendo apenas ficção! Qualificá-las como *news* pode, inclusive, credibilizar o conteúdo. Sendo que, como bem observado por Gossn, após este conteúdo ser espalhado, é praticamente impossível corrigir o rumo da prosa e desfazer o que foi dito pelo registro da verdade: o estrago está feito.

Para o autor, ficam as questões: a culpa de todo este cenário é de quem? A segunda onda da pandemia no Brasil seria fruto do narcisismo e da falta de empatia e cooperação dos sujeitos que compõem a sociedade? Será que as gerações futuras (caso existam!) farão alguma análise semelhante ao estudo do filósofo Karls Jaspers<sup>7</sup>, em que refletiu se a culpa do nazismo era dos próprios cidadãos alemães?

Chapados de cloroquina brinca com a rica língua portuguesa: ficamos chapados! Altos, *very high*! A onda de ignorância e de individualismo atingiu o coração da sociedade: matamos mais a nós mesmos do que já estávamos matando. Por uma falsa premissa de liberdade individual, priorizando um ser no lugar de toda sua comunidade, com a capilarização de correntes de informação mentirosas, o autor indica que chapamos nossas relações sociais – virtuais e físicas. Colocamo-nos em risco, colocamos todos em risco, sob o véu da ignorância, das falácias, do negacionismo e do imediatismo. Houve retorno a aglomerações, festas clandestinas celebradas como ato de liberdade, críticas e negação ao uso da vacina, ao isolamento e ao uso de máscaras, discursos e práticas de ódio e de ruptura do bem comum: não somos comuns, somos diferentes e uns são mais humanos que outros.

No desenvolvimento dos capítulos, Gossn dá ao leitor a possibilidade de se distanciar do tempo presente e compreender de onde viemos, onde estamos e como estamos caminhando. Biologicamente, o autor destaca que somos basicamente os mesmos há milhares de anos; já em relação aos avanços tecnológicos e das cidades, mudamos consideravelmente

<sup>6</sup> Registro pessoal de aula magna na Universidade de Coimbra, no âmbito do Doutorado em Estudos Contemporâneos, no 1º semestre de 2022.

<sup>7</sup> JASPERS, Karl. **A questão da culpa**: a Alemanha e o nazismo. Tradução de Claudia Dornbusch. São Paulo: Ed. Todavia, 2018.

nossos meios de produção, consumo e relacionamento, e construímos uma sociedade complexa em todas as suas camadas. E coloca a pergunta: aniquilamos nossos biomas, silenciemos nossos instintos e estamos destituídos da condição humana e cada vez mais vulneráveis?

Já considerado o contexto político brasileiro, reitera a fragilidade das redes de comunicação, a tendência de nos afeiçoarmos a um líder ou a uma ideologia para simplificarmos as agruras de nossa existência em tempos líquidos, em alusão a Baumann<sup>8</sup>. E destaca que, em meio à crise climática que ameaça nossos futuros, uma pandemia no presente provou “ao mundo que, para gerir um planeta globalizado, as soluções unilaterais não são uma opção viável”<sup>9</sup>.

O autor passeia, assim, por diferentes conceitos, traça uma trama complexa e sistêmica. Um desses curiosos conceitos é o de hiper-história, do historiador Luciano Floridi<sup>10</sup>, de acordo com o qual passamos a não ter mais as tecnologias da informação e comunicação como ferramentas, mas, sim, como objeto nuclear da sociedade, centralizando não só os meios de informação e comunicação, como também, a gestão de todos os recursos necessários à vida humana. É a partir daí que Gossn apresenta o escalonamento de disseminação de *fake news*, contextualiza e reflete acerca de falas de autoridades brasileiras e de notícias propagadas por redes sociais, ambas voltadas à banalização da pandemia, à derrocada das instituições, à necropolítica do governo brasileiro.

Neste caminho de análise, a obra reforça que a morte de empatia pode se dever, também, ao indivíduo médio ocidental ter a sensação de não correr risco iminente de morrer, já que “não se atenta aos reflexos coletivos de suas opções individuais”<sup>11</sup>. Algo que o autor traduz como um arquétipo do cidadão médio brasileiro: sujeito que, por se sentir seguro enquanto indivíduo, nomeia como liberdade comportamentos ignóbeis e repulsivos que colocam em risco a vida de toda a comunidade, inclusive a dele próprio.

<sup>8</sup> BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>9</sup> GOSSN, Alexandre dos Santos. **Chapados de cloroquina: a morte da empatia**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p.50.

<sup>10</sup> FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution: how the infosphere is reshaping human reality**. New York: Oxford University Press, 2014.

<sup>11</sup> GOSSN, Alexandre dos Santos. **Chapados de cloroquina: a morte da empatia**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p.82.

Vale destacar que o Brasil, em 2022, voltou ao mapa da fome e cerca de um quarto da população está em situação de insegurança alimentar moderada ou grave – ou seja, dorme com fome! Esta comunidade afetada por atitudes individuais, reforçadas pelo próprio chefe de Estado, vê-se morrendo de Covid-19, por armas letais e por fome! Retornando, assim, ao ciclo vicioso da sociedade de mercado contemporânea à luz de suas crises: a ampliação das desigualdades sociais!<sup>12</sup>

Neste sentido, o autor reitera que o reacionarismo e o *tecnopopulismo* implementados pelo governo de Jair Messias contaminou mais de 30% da população brasileira, culminando em crise de valores constitucionais, refletindo o negacionismo e o retrocesso implementados sórdida e estrategicamente como política pública de governo. Destaca também que todo este cenário de necropolítica e desinformação serviu de premissa para desqualificar e deslegitimar políticas de saúde pública com base em campanhas de vacinação, só faltou combinar a estratégia com o vírus, enquanto as vidas humanas são tratadas como descartáveis e como insumos econômicos inesgotáveis (permito dizer, exatamente como os homens da sociedade de mercado contemporânea tratam todas as vidas, os recursos naturais e os biomas de nossa casa, a Terra, como *commodities*, como moeda de troca, como objeto a ser explorado para satisfação de seu desejo mais imediato).

É possível, assim, promover um diálogo entre os escritos de Gossn e as teses de seu contemporâneo, o filósofo Daniel Innerarity<sup>13</sup>, para quem um dos vários pontos sensíveis da sociedade contemporânea, e que esteve bem visível no decorrer da pandemia de Covid-19, é o estímulo a refutar a ciência e refutar a politização dos temas sociais. E esta despolitização beneficia exatamente aqueles que já estão no poder, fomentando um ciclo vicioso que retroalimenta as sombras da ignorância e da morte da empatia que estamos vivendo.

<sup>12</sup> Tomo a liberdade de destacar, novamente, sobre qual sociedade estamos falando. Afinal, a pandemia de Covid-19 atingiu o ocidente e os países ricos. Fundamental registrar que há epidemias centralizadas em determinados cantos do globo e que, por já serem território e povos marginalizados, não gera comoção, já que também não geram risco às populações bem mais favorecidas e, assim, não há urgência ou mobilização imediata para resolução das crises sanitárias e humanitárias tão cotidianas nestes territórios. Ficam relegados à própria sorte, desde que seus males não atinjam o ocidente. O mais curioso e triste é que, de modo simplista, o Brasil só é ocidente por ter sido colônia de exploração e por ter recursos naturais valiosos e necessários à sobrevivência dos demais estados. No entanto, a maioria de sua população que é, por outro lado, minoria, segue sendo oprimida, explorada, morta e relegada à própria sorte ou ao azar, conforme Gossn bem ilustrou e contemporizou.

<sup>13</sup> INNERARITY, Daniel. **No Democracy Without Comprehension: Political Unintelligibility as A Democratic Problem.** Polity 53.2 (2021): 264-287.

Innerarity apresenta o conceito de desconhecido e o quanto eu desconhecer o outro me afasta de considerarmos uns aos outros como pertencentes a uma mesma sociedade. Assim, tal qual Gossn retrata, acredita que as instituições devem considerar aspectos cognitivos e reflexivos, pois não cabe aos governos darem ordens, mas, sim, aprenderem com o diferente, com o desconhecido. As cidades precisam ser democráticas e integradoras: não de modo imposto, mas, sim, por meio de espaços partilhados, nos quais o diverso e o específico se relacionam e o senso de comunidade se estabelece – não pelos sujeitos serem iguais, mas por se relacionarem com sujeitos diferentes de si, desconstruindo o desconhecido, aprendendo e somando uns com os outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É a partir deste cenário presente que Gossn encerra a obra: uma sociedade globalizada, repleta de informação, negacionista, com ascensão da extrema direita e de discursos de ódio, imediatista, que não só destrói os biomas e seus próprios recursos de sobrevivência, como considera o individual acima do coletivo para uma espécie que, fundamentalmente, é um bicho social. Ao final, tenta esperar, como diria o educador brasileiro, Paulo Freire<sup>14</sup>, esperar não como quem espera por algo, mas enquanto verbo. Vamos agir hoje, para que o amanhã seja melhor e que as próximas gerações não só tenham a condição de sobreviver, como construam e pautem suas relações em premissas e valores morais coletivos, diversos e empáticos.

Para Gossn, a empatia é fruto de estar dentro da dor de outrem. Sabermos o que acontece com o outro, sermos solidários às caminhadas, projetarmo-nos no outro. Retomando Rawls<sup>15</sup> me vejo no outro porque eu mesmo posso ser ele. Sinto sua dor e a projeto em mim para que nenhum de nós a sintamos e, em conjunto, a gente aprenda e sobreviva.

Será? Fico a pensar qual o diálogo que pode ser estabelecido entre esta visão de empatia coletiva com o paradoxo da tolerância, que, quando ilimitada, leva exatamente ao seu

<sup>14</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

<sup>15</sup> Ídem nota 4.

desaparecimento<sup>16</sup>. E quanto a empatia junto aos intolerantes? Ouso dizer que estes não são empáticos por natureza e, portanto, definitivamente, não sinto suas dores, sinto, sim, as dores que eles infligem com cada um de seus crimes de intolerância e de ódio.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution: how the infosphere is reshaping human reality**. New York: Oxford University Press, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: A brief history of humankind**. Random House, 2014.

INNERARITY, Daniel. No Democracy Without Comprehension: Political Unintelligibility as A Democratic Problem. *In: Polity*, 53.2 (2021): 264-287.

JASPERS, Karl. **A questão da culpa: a Alemanha e o nazismo**. Tradução de Claudia Dornbusch. São Paulo: Ed. Todavia, 2018.

POPPER, Karl; MEJÍA, Jorge Antonio. *In: The open society and its enemies. Estudios de Filosofía*, 1990, 2: 79-87.

RAWLS, J. **Justiça como Equidade: uma reformulação**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 113-114.

Recebido em: 12/06/2024 / Aprovado em: 26/08/2024

<sup>16</sup> POPPER, Karl; MEJÍA, Jorge Antonio. **The open society and its enemies**. Revisited. *Estudios de Filosofía*, 1990, 2: 79-87.